

A MAGIA DOS LIVROS

Faltava uma semana para o solstício de verão, as temperaturas ainda não tinham começado a subir demasiado e a tarde estava amena. O céu, sem nuvens e de uma homogeneidade quase impossível, revelava um azul tão denso e vibrante que parecia acabado de pintar. Uma aragem pachorrenta divagava por entre as árvores, videiras e giestas, ajudando a difundir o chilrear descontraído dos pássaros.

Maria pousou o leitor de livros digitais no colo e respirou fundo com um sorriso de aprovação. Tinha adorado a história de mistério e aventura que acabara de ler e se, por um lado, começava a sentir-se impaciente para começar uma nova, por outro, desejava demorar-se um pouco mais com a heroína suíça com quem passara a última semana.

Tendo-a acompanhado todos os dias, de manhã à noite, sabia agora quase tudo sobre ela. Conhecia praticamente todos os pormenores da sua vida, sabia o que a jovem gostava de comer, o tipo de amigos com quem mais se dava, as roupas que preferia vestir, os lugares onde gostava de ir. Aprendera,

acima de tudo, a reconhecer o que a exaltava, a fazia sorrir ou a aborrecia.

De certa forma, Maria tornara-se sua amiga. Uma amiga em grande parte silenciosa, era certo, mas sempre a seu lado e capaz de identificar tudo o que pudesse alterar o estado de espírito da sua companheira temporária.

Como acontecia com muitas das suas amigas, depressa encontrara elementos de concordância entre as duas. Além das parecenças físicas — ambas morenas e atraentes, de estatura mediana, cabelos compridos e lisos, olhos castanhos e pestanas longas — eram igualmente sensíveis e emocionáveis, com talento inato no campo artístico e particularmente senhoras do seu nariz. Como pudera constatar, tinham tido inclusive aspirações muito semelhantes, sonhando ser bailarinas, professoras e detetives, pela mesma ordem, em vários momentos das suas vidas.

Mas Maria também chegara a zangar-se com certas atitudes e decisões da jovem. Então alterara-se, largando murmúrios de exasperação, por vezes até em voz alta, que acompanhara com censuras mentais à amiga, como se tal a pudesse convencer a mudar de ideias ou alterasse o rumo da história.

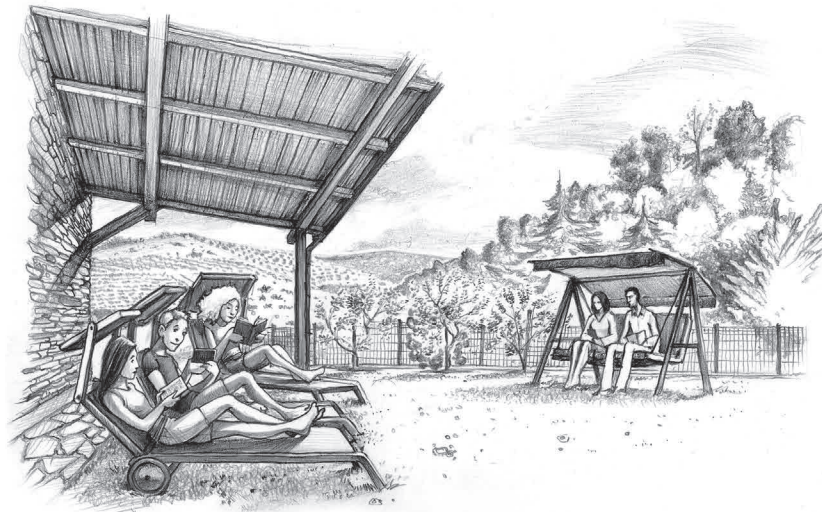
A última página do livro marcara o final daquela convivência passageira. Maria não mais lhe seguiria os passos, não adormeceria a pensar no que lhe iria acontecer, nem acordaria cedo de propósito, ansiando por mais um momento de leitura. Precisava de escolher um novo livro rapidamente para preencher o vazio que a amiga lhe deixava.

Contemplando os montes à sua frente, reviveu os melhores momentos que tinham passado juntas. Os mergulhos nas águas cristalinas do lago de Genebra, as excursões pelos trilhos das

incríveis montanhas do Jura, as noites em que tinham acampado sob o céu estrelado, e todas as observações trocadas sobre os suspeitos do caso, à medida que o iam resolvendo na companhia uma da outra. «Uhhh... Vou ter saudades tuas», pensou, soltando um suspiro.

Maria encontrava-se em casa dos avós, em Trás-os-Montes, no Norte de Portugal. Tinha ali chegado dias antes com os pais, a irmã e o primo, e aproveitava o início das férias para descansar um pouco e terminar o seu livro, após os sempre frenéticos últimos dias de aulas.

Estirou os braços e as pernas lentamente, fitando Ana e André pelo canto do olho, ambos deitados em espreguiçadeiras a seu lado, sob o alpendre. Depois observou a mãe e o pai, sentados no banco de balanço que oscilava com vagar no extremo do relvado à sua frente.



Tal como ela, todos estavam embrenhados na leitura de livros, uns digitais outros de papel, rodeados pelo som bucólico de pintarroxos e cotovias, abelhas e cigarras, que os embalavam com as suas melodias relaxantes, numa atmosfera tranquila e meditativa.

Todos, exceto André.

Maria franziu o sobrolho e observou-o com atenção, sem dar nas vistas. O primo segurava o telemóvel na mão esquerda, à sua frente, e colocara a direita atrás da cabeça, num gesto de descontração. Devido ao reflexo da luz, a rapariga não conseguia ver o ecrã dele. Porém, a julgar pelos auscultadores enfiados nos ouvidos e pelos movimentos dos músculos faciais, que bem poderiam estar a ser manipulados por um marionetista experiente, depressa compreendeu que o primo devia estar a seguir algum vídeo com muita ação.

A ideia incomodou-a. Poucas coisas davam a Maria tanto prazer como ler um bom livro. Sem sair do seu lugar, conseguia entrar, de repente, na vida de pessoas que até ali não conhecia, acompanhá-las em tudo o que faziam, viajar para locais onde nunca tinha estado, penetrar nas suas mentes até quase adivinhar os seus pensamentos. Era algo fascinante, que a fazia sentir-se dotada de uma espécie de poder sobre-humano. Constatar que, para tal, lhe bastavam as páginas de um livro levava-a a desejar que algo de tão extraordinário fosse experimentado por toda a gente. Nem mesmo a escrita, a sua maior ambição artística, que a levava a colocar no papel as aventuras vividas com a irmã e o primo, lhe permitia atingir tal grau de prazer.

Sabia que André também gostava de ler, pois aquele era um dos passatempos comuns aos três primos. Todavia, agora

que pensava nisso, não se lembrava da última vez que o vira pegar num livro. Aborrecida, resolveu indagar.

– O que é que estás a ver? – perguntou-lhe, esticando o pescoço na direção do telemóvel do rapaz.

André não a ouviu, mas percebeu que a prima acabava de lhe perguntar algo quando a viu inclinar-se para si.

– Desculpa, o que é que disseste? – inquiriu, tocando com o indicador no centro do ecrã, enquanto tirava um dos auscultadores dos ouvidos.

Maria apontou para o telemóvel dele e perguntou-lhe:

– O que é isso?

– Ah!... Comecei agora mesmo a ver uma série espetacular que acabou de estreiar – explicou ele, sorridente. – Este é o primeiro episódio e estou a adorar. Quase toda a minha turma já a viu. Devias experimentar!

A explicação confundiu a prima, que franziu a testa, refletindo.

– Como é que a podem já ter visto se dizes que acabou de estreiar e esse é o primeiro episódio? – questionou.

– Sim... Tens razão, não me expliquei bem – admitiu ele. – Este é o primeiro episódio da *segunda* temporada. A primeira saiu no início deste ano e bateu todos os recordes de audiências no mundo inteiro.

A frase pareceu cativar a atenção da prima mais nova, que interrompeu a sua leitura, pousando o livro no colo para ouvir a conversa, abrindo muito os olhos, enquanto enrolava um dos seus magníficos caracóis castanho-claros nos dedos.

O interesse repentino de Ana levou Maria a disfarçar uma careta resignada. Cada vez mais lhe parecia que os filmes e, sobretudo, as séries de televisão despontavam como cogumelos

silvestres após as primeiras chuvas outonais. E com o mesmo grau de virulência, pois embora algumas fossem francamente estimulantes, cómicas ou instrutivas, a maior parte cada vez mais se revelava um monumental desperdício de tempo para quem as seguia.

Admirava-a, sobretudo, que as produtoras conseguissem realizar sequelas à velocidade da luz, que os conteúdos fossem cada vez mais parecidos uns com os outros, e que os mesmos atores aparecessem em diversas produções ao mesmo tempo.

Não que fosse contra os conteúdos audiovisuais, ela própria seguia alguns com enorme satisfação. O problema era constatar que muitos dos seus colegas e amigos estavam cada vez mais a abandonar os livros por causa deles, e isso entristecia-a. Sobre-tudo num país como a Inglaterra, onde vivia devido aos destacamentos diplomáticos do seu pai, o embaixador Torres, e onde os hábitos de leitura tinham uma importância considerável.

Maria adorava ler desde pequenina, mesmo antes de o saber fazer sozinha e quando ainda dependia dos pais para lhe contarem as suas histórias preferidas. Ao longo dos anos, sempre ansiara pelo início das férias, quando sabia que podia ler durante horas seguidas sem ninguém a impedir, pois não tinha de estudar ou deitar-se cedo. Bastava-lhe escolher o lugar mais apropriado para se instalar comodamente, e era então livre de entrar numa nova história, de fazer parte de um novo mundo, sozinha, à velocidade que ela própria decidisse e sem ter de dar contas a quem quer que fosse. Era uma experiência incomparável e ela não conseguia imaginar um mundo sem a magia dos livros.

Assim, para contrariar a infeliz tendência e ajudar os colegas a aproximarem-se do que considerava um paraíso terrestre

acessível a todos, decidira criar um clube de leitura na escola durante o ano letivo.

A ideia fora sua e sentia-se particularmente orgulhosa dela, embora a forçasse a colocar as suas adoradas aulas de teatro em segundo plano. O passa-palavra tinha funcionado melhor do que alguém pudera imaginar, sobretudo as professoras, duvidosas, e que a princípio tinham dado pouco crédito ao projeto.

Maria decidira, por isso, manter a iniciativa apenas entre alunos, e dera o melhor de si para a divulgar, engendrando uma eficaz campanha publicitária.

Provando que, quando queria, podia ser muito persuasiva, começara por inventar um nome e um logotipo que indubitavelmente chamavam a atenção. Depois, pedindo ajuda aos talentos mais criativos da escola, produzira folhetos e cartazes muito aliciantes, descrevendo o clube como sendo destinado a uma comunidade de gente inovadora, que gerava atividades e ideias originais à volta da literatura e dos livros.

Por fim, com um golpe de génio, convidara alguns dos alunos mais carismáticos, anunciando uma festa-mistério para o dia da inauguração, na qual os convidados teriam de analisar várias pistas e desvendar um enigma. Curiosos, muitos não tinham sabido resistir e, após assistirem à festa e à apresentação do clube, agregaram-se e não mais o abandonaram.

O sucesso acabara por revelar-se tal que, três meses depois, fora preciso dividir o grupo de leitura em dois, devido ao aumento imprevisto dos membros. No final do segundo período, tornara-se necessária a criação de mais dois, graças à reputação do clube, agora referida nos jornais locais, e a uma inteligente e inspiradora lista da qual faziam parte os mais cobiçados *bestsellers* nacionais e internacionais.

O novo exército de leitores partiu, assim, de férias disposto a beneficiar do tão desejado tempo livre para se munir de material incandescente, pronto a ser utilizado nos encontros do novo ano letivo.

— E essa série é sobre o quê? — perguntou Ana, esticando o pescoço na direção do telemóvel do primo.

— É sobre um grupo de jovens que vai viver para outro planeta, descoberto por astrónomos uns anos antes — explicou o rapaz. — Uma espécie de cópia da Terra, mas com animais e plantas superperigosas que os obrigam a inventar estratégias incríveis para sobreviver.

Maria viu um lampejo de excitação acender-se no rosto da irmã e admitiu que o argumento da série provocava muita curiosidade.

Como bem sabia, tratava-se de uma fórmula utilizada em várias obras de enorme sucesso, tanto literárias, como cinematográficas e de televisão. *O Deus das Moscas*, um dos primeiros livros que escolhera para o seu clube de leitura, era um dos exemplos, assim como *Os Jogos da Fome* ou a série *Perdidos*.

A chave de tanto êxito revelava-se quase sempre infalível: um grupo mais ou menos reduzido de personagens viam-se obrigadas a conviver num espaço bem delimitado e novo para todas elas e os sarilhos não tardavam a surgir. Episódios de pura sobrevivência, já por si incrivelmente excitantes, associavam-se a dilemas típicos do começo de uma nova sociedade, que implicava um conjunto de normas, uma identidade comum e uma hierarquia. Tudo isto conduzia a inevitáveis intrigas, discórdias, amizades e traições, frequentemente apimentados com uma boa dose de romance e humor.

Em resumo, o enredo centrava-se no eterno conflito da natureza humana, fonte riquíssima e praticamente inesgotável de material, e por isso perfeitamente capaz de conquistar e seduzir qualquer audiência.

Afinal, quem poderia dizer que não estava interessado em saber o que iria acontecer a um grupo de jovens, todos eles muito bem-parecidos, forçados a procurar água, comida e refúgio num ambiente desconhecido e perigoso? Sobretudo, enquanto lutavam para sobreviver a serpentes com três cabeças ou plantas carnívoras de dentes superaguçados, apaixonando-se e combatendo uns contra os outros ao mesmo tempo...

— Deve ser uma série muito gira! — disse Ana, respondendo ao primo e confirmando as suspeitas da irmã. — Posso ver contigo?

— Se não te importares de começar pela segunda temporada... — disse André, pegando no adaptador que permitia inserir vários auscultadores no telemóvel.

— Claro que não! Contas-me depressa o que se passou na primeira?

Maria encolheu os ombros num reflexo involuntário. Não queria dar demasiada importância ao assunto, porque sabia que a irmã era uma devoradora de livros, além de fã incondicional de bibliotecas, mas ali estava o exemplo perfeito da força imbatível do audiovisual.

Ana apercebeu-se disso. Conhecia muito bem o esforço que a irmã fizera para criar o seu clube de leitura e o orgulho que deixava transparecer quando falava nele. Mas também sabia que Maria não dizia que não a uma boa série, por isso perguntou-lhe:

— Queres ver connosco?

Maria esboçou um sorriso e respondeu com um aceno afirmativo. Tinha de admitir que a ideia de assistir a um episódio da tal série com a irmã e o primo a atraía. Além disso, tinha acabado o seu livro e fazer uma pausa antes de começar outro até lhe parecia um bom plano.

— Pois, se não os consegues vencer, junta-te a eles — comentou, com uma gargalhada.

Levantou-se e estava prestes a ir ao quarto buscar os auscultadores, quando André disse algo que veio alterar tudo.

— Sim, anda lá! Eu até vou buscar o *tablet* que tem um ecrã maior — ofereceu-se ele, sorridente. — Vais ver! Comparado com isto, o teu livro vai parecer-te superaborrecido!

«O quê?! *Superaborrecido*?! Ah, isso é que não!», contestaram os seus olhos antes que os lábios tivessem tempo de pronunciar uma resposta.

— Eu não leio livros aborrecidos — argumentou, em tom desafiante, voltando a sentar-se na espreguiçadeira e cruzando os braços. — Esse é o primeiro truque de um leitor inteligente.

Sem precisar de a fitar, André detetou-lhe imediatamente a mudança de postura. Maria preparava-se para uma batalha de argumentos.

Divertido, resolveu participar, e já tinha a palavra *impossível* na ponta da língua quando a prima o interrompeu para acrescentar:

— Exceto os livros da escola, claro, que nem sempre somos nós a escolher e que são de leitura obrigatória.

«Bolas, antecipou-se!», pensou ele, fechando de novo a boca e pensando num contra-ataque, enquanto retirava o auscultador do outro ouvido.

Ana, entretanto, tinha-se encostado à espreguiçadeira, cujas costas erguera, atenta à discussão que começava a surgir, mas sem dar mostras de nela querer tomar parte.

– Queres convencer-me de que nunca leste um livro aborrecido na tua vida? – questionou o rapaz.

– Sim, aqui há uns anos, quando me ofereceram um com uma história tão disparatada que mais parecia um guião de telenovela – esclareceu a prima, como se já estivesse à espera daquela pergunta, enquanto alisava uma madeixa de cabelos e seguia o voo de um pardal. – Pensei em desistir no final do primeiro capítulo, mas como na altura acreditava que os livros se deviam ler até ao fim, fiz um esforço enorme e li-o até à última página... Que sacrifício! Aquele livro era um horror!

– Mas, entretanto, mudaste de ideias...

– Sim, mudei. Cheguei à conclusão de que existem demasiados livros excelentes no mundo e ninguém consegue viver o suficiente para os ler todos – explicou ela. – Por isso decidi que é um desperdício perder tempo com livros aborrecidos.

– Mas não achas que pôr livros de lado também é um desperdício? – considerou André. – É um bocadinho como deitar dinheiro à rua...

– Para ler não é preciso comprar livros... – interferiu a prima mais nova, acabando por não resistir a oferecer o seu contributo para a discussão. – É para isso que servem as bibliotecas.

– A Ana tem razão. Além disso, eu tento sempre não comprar livros até ter *quase* a certeza de que vou gostar deles – ripostou Maria. – A maior parte são recomendações de amigos, porque o passa-palavra é a melhor forma de se escolher um livro. Mas isso não quer dizer que às vezes não me engane.

– E nesse caso?...

— Nesse caso, posso dar outra possibilidade ao livro e, no máximo, leio-o até ao final do segundo capítulo — disse ela, resoluta. — Mas, se não funcionar, acabou-se, ponho-o de lado e passo a outro.

— Ummm, estou a ver... — disse André.

— Não é só uma questão de não querer perder tempo — acrescentou ela — também não quero estragar a magia, percebes?

— A magia?...

— Sim, a magia! — exclamou a prima, e tentou descrever-lhe a sensação de possuir poderes sobre-humanos que a acompanhava desde pequenina, sempre que lia livros.

Como o primo não parecia reagir às suas explicações esotéricas, Maria disse:

— Não quero mudar de ideias, percebes?

André lá acenou com a cabeça, fingindo compreender, embora, na realidade, tivesse ficado um pouco desorientado com o conceito. Maria apercebeu-se disso e decidiu explicar-se melhor:

— É um bocadinho como ter um prato favorito, que adoras e estás sempre pronto a repetir. Só que um dia tens o azar de comer uma versão tão má que te dá cabo da experiência e daí em diante comesças a evitá-lo. Eu adoro ler e quero adorar ler *para sempre!*

O entusiasmo era perfeitamente visível nos seus olhos e no tom da sua voz.

— Tu também adoravas ler, André... — disse, fitando o primo com ar provocador.

André sabia que a prima estava a tentar encostá-lo à parede. Era ali que ela tinha querido chegar desde o início da conversa. Mas ele estava preparado. Ou assim lhe parecia.

— Sim, eu adorava ler, mas agora não tenho tempo para isso.

— Oh! Se tens tempo para ver séries de televisão e filmes também tens tempo para ler — contestou ela.

— Não é bem assim — protestou ele, e argumentou: — Um livro que leva dez horas seguidas a ler pode ser transformado num filme de apenas duas horas...

— Sim, é verdade, mas tu sabes que os filmes inspirados em livros raramente têm a qualidade das obras originais, não sabes? — perguntou ela, e continuou, sem esperar que ele respondesse: — Em toda a história do cinema, as exceções são poucas.

André sabia que a prima tinha razão. Toda a gente sabia disso. Precisava de pensar rapidamente noutra argumento, mas não lhe vinha nada à mente.

Maria notou-lhe o vazio no rosto e prosseguiu:

— Ler livros é um exercício muito mais produtivo do que ver filmes ou televisão, que nos levam a centrar a atenção em certas coisas e a não reparar noutras. A leitura torna-nos muito mais atentos aos *pormenores*.

— Sim, viu-se hoje de manhã! — troçou André, muito depressa. — Estavas tão concentrada a ler que entornaste metade do teu pequeno-almoço em cima de ti! As nódoas de iogurte grego com amoras silvestres deram uns *pormenores* espetaculares à tua *t-shirt*!

Maria tentou disfarçar uma gargalhada ao recordar o episódio, mas a empresa saiu-lhe frustrada e acabou por chocar punhos com o primo, reconhecendo-lhe a vantagem momentânea.

Tinha ficado tão empolgada com a cena de perseguição final do seu livro que, em vez de meter a colher dentro

do iogurte, batera com ela no bordo da taça, revirando todo o conteúdo para cima de si. O resultado merecera-lhe os aplausos de toda a família e uma fotografia que o primo não perdera tempo a tirar, para imortalizar o momento, e que agora exibia no telemóvel, à sua frente.

– Eu estava a referir-me ao facto de usarmos processos cognitivos diferentes quando lemos livros ou vemos filmes – explicou ela, soprando pelo nariz. – O nosso cérebro não reage da mesma maneira. Lendo literatura tornamo-nos mais espertos, porque a conetividade cerebral aumenta.

– A conetividade cerebral? – repetiu André, interessado.

– Sim, os livros obrigam os nossos neurónios a fazer ligações que de outra forma não fariam e isso é uma vantagem enorme – explicou Maria. – Ao lermos, não só ativamos partes do cérebro que se ocupam da linguagem, mas também partes ligadas ao movimento e às sensações.

André enrugou a testa, confuso.

– Ou seja, não só experimentamos um pouco do que sentem as personagens do livro *psicologicamente*, mas também *fisicamente!* – prosseguiu ela, excitada. – Tudo isso nos ajuda a desenvolver a empatia, que é a capacidade de sentirmos o que outra pessoa sente, de nos identificarmos com ela, de adivinharmos o que ela pensa.

A ideia pareceu chocar o primo, que ripostou:

– O quê?! Estás a dizer que a literatura nos ajuda a adivinhar o que as outras pessoas pensam?!

– Sim, estou a dizer precisamente isso – retorquiu Maria, muito calmamente, levantando-se.

André perscrutou-lhe o olhar, tentando perceber onde ela queria chegar.

– Ai sim? – disse, finalmente, levantando-se também ele, com ar provocador. Depois desafiou-a: – OK, se assim é, e com toda a literatura que lêes, vê lá se consegues adivinhar o que eu estou a pensar!

A prima não necessitou de ponderar muito antes de responder.

– Estás a pensar que queres ir ver o resto do episódio da tua querida série – disse, surpreendendo-o.

– Ummm... Como é que...? – perguntou ele, interrompendo-se com ar perplexo.

– Como é que adivinhei? Porque antes de me fazeres essa pergunta olhaste de fugida para os teus auscultadores – explicou ela, triunfante, apontando para o objeto que jazia ao lado do telemóvel do primo, sobre a espreguiçadeira. – Tenho razão, não tenho?

– S-sim... – admitiu ele, desorientado. – Olhei para eles e pensei que queria ver o resto do episódio, mas... Não percebo como é que a literatura te ajudou a descobrir isso.

Lembrando-se da heroína suíça, Maria pegou no seu livro e olhou fixamente para ele enquanto organizava as ideias. Quando decidiu que tinha encontrado a melhor forma de se explicar, disse:

– Isto não acontece com todos os livros, mas na literatura os autores investem muito na criação de personagens com características fortes, com as quais nos identificamos e que ficamos a conhecer muito bem, por dentro e por fora, ao chegarmos ao final do livro.

– Isso nem sempre é verdade! Os autores também não dizem tudo sobre as personagens que inventam... – interrompeu o primo, cruzando os braços.

— Nem precisam de o fazer — sorriu Maria. — Aliás, é precisamente por eles não dizerem tudo que a literatura nos ajuda a compreender melhor as outras pessoas e a prever o que elas podem fazer ou pensar.

André voltou a franzir o sobrolho, sem a entender.

— OK, imagina que estás a ver um filme e o realizador te apresenta uma senhora loira, de olhos azuis, com um vestido encarnado — explicou a rapariga. — Tu vê-la exatamente como ela é, sem necessidade de imaginares grande coisa, porque ela está ali, à tua frente.

— OK... — disse o primo, seguindo o seu raciocínio.

— Agora imagina que em vez de veres a senhora num filme, lês a descrição dela num livro... As palavras vão ser utilizadas pelo teu cérebro para a visualizar, porque é assim que o cérebro funciona, está constantemente a fazer ligações entre ideias abstratas, as palavras, e as imagens que constrói.

— Sim, é verdade, quando lemos algo sobre... uma maçã, por exemplo — ilustrou Ana — imaginamos imediatamente essa maçã.

— Pois é, e podem apostar que cada um de nós vai imaginar uma maçã diferente — concordou a irmã, agradecendo o exemplo. — Para uns vai ser pequena, ou verde, para outros amarela ou encarnada, brilhante, engelhada... E o mesmo acontece com a tal senhora. Se cada leitor pudesse pintar o seu retrato, garanto-te que teríamos uma infinidade de retratos únicos. Lembram-se dos retratos de Cristóvão Colombo¹?

¹ Ver *A Carta Secreta de Colombo*, em que os primos analisam diversos retratos do famoso navegador completamente diferentes, todos eles feitos após a sua morte, tendo sido os seus autores, por isso, obrigados a basear-se em descrições, muitas delas escritas, do mesmo. (N. da A.)

– OK, até aí compreendo, mas continuo a não perceber o resto – insistiu o primo. – Como é que a literatura nos ajuda a compreender melhor as outras pessoas e a prever o que elas podem fazer... ou pensar?

– Ajuda, porque quanto mais literatura lês, maior vai ser a base de dados de características físicas e psicológicas que armazenas no teu cérebro – disse Maria. – Ao leres, acumulas informações sobre *todas* as personagens que ficas a conhecer em cada obra literária, mesmo se pensas que te esqueceste delas.

«Com o tempo, o teu cérebro consegue catalogar automaticamente os perfis de todas as pessoas com quem te cruzas nos livros, usando as reações delas, a forma como se movem, o que pensam ou o que dizem.

«Assim, quando vês alguém fazer algo semelhante no teu dia a dia, na vida real, o teu cérebro é capaz de reconhecer o padrão de comportamento, utilizando-o para antecipar o que essa pessoa poderá estar a pensar, como se sente, ou o que irá fazer. Como eu fiz há pouco contigo.»

– E como fazem os investigadores com os *serial killers* – lembrou Ana.

– Uhhh... Estou a ver... Também é um bocadinho como o que acontece com a inteligência artificial – refletiu André, pensativo. – Quanto mais dados o sistema possui, mais possibilidades tem de compreender o que o rodeia e de o usar para reconhecer e resolver problemas ou executar tarefas.

– Exatamente! Trata-se de simples psicologia do senso comum – explicou Maria – mas enquanto a inteligência artificial precisa de aprender a usá-la, os nossos cérebros já vêm equipados com ela. E pelo que dizem os últimos estudos, ler literatura ajuda muito a melhorar essa capacidade.

André suspirou, com ar vencido. Assim vistas as coisas, era difícil refutar as vantagens que a literatura oferecia.

— Mas tens de concordar que é muito mais fácil ver filmes ou séries de televisão do que ler... — disse ele, voltando a sentar-se na espreguiçadeira.

— São coisas diferentes e não é preciso escolher entre elas, podes fazer as duas — recordou Maria. — O que não podes é *deixar de ler*.

— Aargh! O problema é que, às vezes, ler exige um esforço tão grande! — lamentou-se ele, erguendo as mãos e deixando-as cair com um estalido nas pernas.

— Isso é porque deves estar a fazer alguma coisa errada — deduziu a prima, muito depressa.

— Se calhar não estou a usar o *primeiro truque dos leitores inteligentes* — troçou ele, repetindo a expressão que ela usara. — O tal que nos impede de ler livros aborrecidos...

— É bem provável e, já agora, o truque também se aplica aos filmes e séries de televisão — ripostou Maria, decidida. — Porque é que havemos de nos sentir obrigados a vê-los quando são aborrecidos? Ninguém nos impede de parar ou de escolher outros, pois não?

O primo mordeu o lábio. Maria tinha razão. Ele próprio o tinha feito inúmeras vezes e, hoje em dia, com a quantidade de conteúdos disponíveis na Internet, não havia nada mais fácil. Era tão simples como pressionar o botão STOP e deslizar o dedo pelo ecrã até selecionar outra coisa para ver.

— E que outras pérolas de sabedoria tens para me dar? — perguntou ele, zombeteiro. — Se este é o primeiro truque, imagino que haja mais...

— Sim, tenho mais dois — informou ela, preparada, voltando a sentar-se à frente dele. — O segundo é sermos nós

a escolher os nossos próprios livros e não deixar que outros nos obriguem a ler coisas de que não gostamos.

André acenou com um gesto de acordo. Aquele parecia-lhe um truque excelente.

— Podemos escolher os nossos livros porque gostamos do título, da capa, do texto da contracapa, ou qualquer outra razão — acrescentou Maria, e logo advertiu: — Mas atenção! Estamos a falar de literatura e não do que se lê nas redes sociais ou em *blogs*. Isso não conta.

— Pois, imagino que não contenha grande qualidade literária — concordou André, rindo. — E qual é o terceiro truque?

— O terceiro é encontrar... *o livro certo* — disse Maria, com ar enigmático, pondo particular ênfase nas palavras finais. — Um livro que há de ser sempre o nosso preferido, porque nos marca e nos faz sentir coisas que nunca sentimos antes.

— Como quando nos apaixonamos... — arriscou Ana, notando o olhar inquisitivo do primo.

De cotovelos sobre os joelhos, André meditou por uns instantes, desviando o olhar para o horizonte e recordando as suas paixonetas. Primeiro Clepsidra, em Castelo Novo, depois Letícia, nas Caraíbas, seguida de Beatriz, a colega da escola em Évora, que ele conseguira salvar com a ajuda das primas numa incrível aventura no México e, por fim, Tiffany, que os ajudara a resolver um caso na Califórnia e outros dois na Austrália e na Nova Zelândia². Todas elas o tinham feito sentir algo novo

² Ver *O Enigma do Castelo Templário*, *O Diamante da Ilha das Caraíbas*, *O Símbolo da Profecia Maia*, *O Mistério das Pepitas de Ouro*, *O Mapa da Ilha Secreta* e *O Segredo da Tribo Perdida*. (N. da A.)

e extraordinário, que nunca haveria de esquecer e desejava repetir. Mas dali a imaginar que um livro pudesse conseguir captar a sua atenção àquele ponto ia uma grande distância.

Não lia há uns tempos, era verdade, mas já tinha lido muitos livros e nenhum deles o entusiasmara assim tanto, fazendo-o desejar que a experiência não terminasse ou querer repetir o mesmo tipo de emoção.

— Quem encontra o livro certo nunca mais deixa de ler na vida... — concluiu Maria.

Mas André não estava convencido. A analogia parecia-lhe forçada. Uma comparação exagerada que as primas só estavam a fazer para o convencerem a tornar-se tão fanático por livros quanto elas.

Maria apercebeu-se das dúvidas do rapaz, mas não disse mais nada. Para compreender o poder e a magia dos livros, André precisava de encontrar o livro certo.

«Talvez eu o possa ajudar...», pensou consigo mesma.

Conhecendo-o bem, sabia que teria de o fazer discretamente, sem ele perceber, senão André fechar-se-ia em copas e rejeitaria todas as suas sugestões.

Fitou os pais, que continuavam sentados no banco de baloiço concentrados nas suas leituras e, de repente, semi-cerrou os olhos. Nesse preciso instante, os seus neurónios começaram a trabalhar a cem à hora, analisando várias possibilidades e começando a esboçar um plano.

— Ummm... Acho que acabei de ter uma ideia... — disse finalmente, de si para si, com um sorriso enigmático. — Tenho de pensar muito bem nos pormenores, mas se conseguir fazê-la resultar vai ser um espetáculo! Vou precisar de tudo o que aprendi no clube de leitura e... nas aulas de teatro.

* * *

Inseparáveis, os primos passaram os dias seguintes em mil e uma atividades no campo, explorando os montes e vales das redondezas, palmilhando o leito seco do riacho que atravessava a quinta dos avós em busca de amoras silvestres para o pequeno-almoço, entalhando esculturas em pedaços de madeira ou apanhando as últimas cerejas que os pardais ainda não tinham comido.

Só se separaram quando Ana e Maria decidiram ir com a avó ver os coelhinhos e os pintainhos que tinham nascido recentemente na quinta.

– Devem ser tão *queridos!* – dizia Ana.

– Um *amor!* – concordava Maria. – Absolutamente *adoráveis!*

Ao ouvir o tom e os adjetivos lamechas que as duas empregaram para descrever as ninhadas, André decidiu retirar-se da pequena excursão, escolhendo uma atividade mais adequada ao aproveitamento das suas energias.

– Vocês não se importam se eu for com o avô arrancar batatas, pois não? – desculpou-se. – Acho que ele precisa da minha ajuda.

– Vai, André, vai – disse Maria, antecipando o desfecho do episódio. – Assim, até são capazes de acabar mais cedo!

– Muito espirituosa... – disse André, captando-lhe o tom jocoso, mas longe de imaginar até que ponto a prima acertara.

De facto, uma hora mais tarde, queixando-se de dores nas costas por ter passado tanto tempo dobrado em dois, viu-se obrigado a admitir que não tinha a experiência dos ajudantes do avô, e acabou por abandonar o grupo.

As primas, ao vê-lo regressar derreado, disfarçaram uma gargalhada e pediram-lhe que as ajudasse a dar de comer às galinhas, patos e perus.

A preparação para a festa da aldeia, que teria lugar na semana seguinte, também os ocupou nalgumas tardes em que se juntaram a outros jovens, ajudando a colocar as decorações nas ruas e na praça principal.

De vez em quando, Maria escapulia-se sem os outros darem conta e dava um salto à biblioteca que o avô criara numa das dependências da casa. Tinha esperança de encontrar o livro perfeito para André, mas, talvez por sentir o peso da tarefa nos ombros, não foi capaz de descobrir nada que lhe parecesse infalível. Como previra, o melhor seria passar diretamente ao plano B, mas precisava de mais tempo para se concentrar e concebê-lo como devia ser.

Os primos estavam a divertir-se muito. Todos os dias inventavam novas coisas para fazer e nunca se aborreciam. Aliás, sentiam-se muito contentes por saber que iriam passar ali mais duas semanas juntos.

Porém, no dia em que, com os embaixadores, foram fazer um piquenique e mergulhar na praia fluvial do Azibo, regressaram à quinta para receber más notícias. O avô tinha tido uma queda e estava internado no hospital.

— Os médicos dizem que se trata de uma fratura do fémur — explicou o embaixador à família. — Vão ter de o operar amanhã.

— Oh!... — exclamou Sara, olhando para o marido com ar preocupado. — Vai ser uma recuperação muito longa...

— Sim, vão mantê-lo pelo menos uma semana no hospital e depois disso vai ter de ficar imobilizado em casa durante cerca de um mês.

— Coitado do avô! — comoveu-se Maria, entristecida.

— Coitado do avô e coitada da avó... — lembrou a irmã, pensando na pobre senhora que, já com uma certa idade, se via de um momento para o outro a ter de assistir o marido acamado.

— Pois, a Aurora vai ficar aqui uns dias a ajudá-la, mas é um grande problema... — concordou o pai, exalando um longo suspiro.

Os primos fitaram-no, preocupados. O plano original era ficarem em casa dos avós, enquanto os embaixadores se deslocavam a Marrocos para um breve destacamento diplomático. Mas a expressão de Hugo Torres dizia-lhes que o acidente do avô os obrigava a uma mudança de planos.

— Nós podemos ajudar a avó! — sugeriu Maria, muito depressa.

— Pois podemos! — concordou a irmã. — Podemos arrumar a casa, dar de comer à criação, ajudar a Aurora a cozinhar...

— Ummm... Eu sei que vocês têm as melhores intenções — disse o pai. — Mas a avó vai estar demasiado ocupada a tratar do avô para a obrigarmos a preocupar-se também convosco.

— Nós sabemos tomar conta de nós! — protestou Maria, ligeiramente ofendida.

— Claro que sabem — apressou-se a mãe a concordar. — Mas não queremos sobrecarregar a avó, que iria querer saber sempre onde vocês andavam, como podem imaginar.

— Então quer dizer que... vamos ter de deixar a quinta? — perguntou Maria, deduzindo ser aquela a consequência.

— Vamos perder a festa?! E para onde vamos? Para casa dos tios?

— Não, isso não, porque os meus pais foram para Itália de férias — lembrou André. — Só voltam daqui a duas semanas...

— Pois... A única solução talvez seja... Ummm... Bem... vocês virem connosco para Marrocos — sugeriu o embaixador, fitando Maria com apreensão.

André observou-a, curioso. Nem ele nem Ana se lembrariam de levantar problemas, mas a prima mais velha era sempre um ponto de interrogação.

Viu os olhos da rapariga abrirem-se de surpresa e uma espécie de terror apoderar-se do seu rosto. O lábio inferior sobrepôs-se ligeiramente ao superior, começando a tremer. A certa altura, julgou ver surgir o brilho de uma lágrima.

A reação parecia-lhe um pouco exagerada, mas tratando-se de Maria tudo era possível.

Ana tinha-lhe contado como a irmã reagira à notícia do des-tacamento diplomático do pai para o Cairo, anos antes. Maria tinha levantado um pé de vento e não quisera transferir-se para o que imaginava fosse um país infestado de aranhas, as criaturas que mais temia na Terra. A verdade é que acabara por esquecer-se completamente delas ao chegar ao Egito, como ele bem o sabia, pois tinha ido de férias com as primas, mas aparentemente não fora fácil demovê-la.

— *Ma... Marrocos?* — repetiu Maria, com voz tremida.

Os olhos de toda a família pousaram sobre ela com nervosismo.

— Não estará cheio de... *aranhas?* — perguntou, ansiosa, mordendo o lábio.

«Pronto, cá vamos nós outra vez!», pensou André.

— Não te preocupes, Marrocos não tem mais aranhas do que os países onde já estiveste, sobretudo os locais para onde vamos — assegurou o embaixador e arriscou: — Vai correr tudo bem e aposto que não vais encontrar nem uma!

— Como é que sabes? Tu e a mãe vão estar ocupados, não vão poder andar connosco, pois não? — protestou Maria, olhando primeiro para o embaixador e depois para a embaixatriz.

— Bem... Não propriamente, visto que vou em trabalho... — disse o pai, franzindo a testa e reavaliando a sua proposta, enquanto procurava alternativas. — Ummm... Parece-me que vou ter de pedir um favor a um amigo...

Sara fitou o marido com ar interrogativo.

— É um historiador. Falei com ele na semana passada e sei que está de férias nesta altura — informou ele. — Se ele concordar, garanto-vos que não há melhor pessoa para vos acompanhar!

* * *

— Afinal, o que é que te convenceu a vires para Marrocos? — perguntou André, assim que aterraram no aeroporto de Fez.

Maria não lhe tinha respondido da primeira vez, quando ele lhe fizera a pergunta ao partirem do aeroporto de Lisboa, e ele não percebera se isso tinha acontecido por acaso ou se ela mudara de assunto de propósito.

Agora a prima parecia distraída à procura de algo dentro da mochila e continuava a não responder.

«Que estranho...», pensou André, admirado. «Estará a ficar surda?»

Fosse qual fosse a razão daquele silêncio, coincidência, surdez ou porque Maria lhe estava a esconder algo, a verdade é que André ficara com a pulga atrás da orelha.

Durante a famigerada conversa que tivera com os pais na quinta dos avós, a prima tinha continuado a queixar-se das aranhas marroquinas, insistindo na sua perigosidade, que dava por certa.

Não só se dera ao trabalho de pesquisar acerca delas na Internet, como tivera a sorte, ou o azar, de as encontrar referidas no artigo de uma antiga e muito conceituada enciclopédia da biblioteca do avô, com fotografias e descrições abundantemente detalhadas. De nada valera tentarem mostrar-lhe que a distribuição daqueles aracnídeos se concentrava no deserto marroquino, sobretudo nas Dunas de Merzouga, para onde não tencionavam ir. Maria continuava resoluta.

Até que, de repente, sem que ninguém compreendesse porquê, desistira dos seus ataques e se pusera a fazer as malas sem dar aos outros qualquer justificação para a estranha reviravolta.

Desde então, não mais voltara a mencionar aranhas, parecendo aceitar a mudança de planos com aparente agrado. Decidira até escolher o hotel onde iria ficar com a irmã e o primo em Fez, enquanto os embaixadores seguiam para a embaixada na capital, Rabat.

Os outros, com receio que a transformação não durasse muito, esquivaram-se a fazer-lhe perguntas relacionadas com o tema.

Todos, menos André, cada vez mais curioso e determinado a desvendar aquele segredo. «Mais tarde ou mais cedo hei de descobrir o que a fez mudar de ideias...», pensou.

Enquanto esperavam pelas malas, adquiriram gratuitamente quatro cartões SIM marroquinos para utilizar nos telemóveis dos embaixadores, de Maria e de André, pois o de Ana não permitia a inserção de dois cartões. Depois dirigiram-se para a saída do aeroporto, onde o motorista da embaixada e o amigo do embaixador Torres os vieram receber.

O historiador tinha cerca de 50 anos e era um indivíduo alto e magro, de olhos e cabelos pretos, curtos e espessos.

Vestia uma camisa branca e calças caquis de aspeto confortável e calçava sandálias de couro castanho.

Ao observá-lo, Maria captou nele um olhar extremamente inteligente e de certa forma enigmático.

— Este é Ahmed Laroui, o historiador de quem vos falei — apresentou o diplomata e acrescentou: — O mais famoso do país!

— Ora, ora — riu o marroquino, abraçando o amigo. — Não exageres, meu caro.

— Sabes bem que é verdade, Ahmed — insistiu Hugo e depois, dirigindo-se à família, revelou: — Mas o que eu não vos contei é que, além de historiador, Ahmed é também um grande escritor.

— Ah, então são estes os jovens que eu vou ter a sorte de acompanhar nos próximos dias? — perguntou o homem, desviando o assunto, enquanto cumprimentava cada um deles com um aperto de mão e um sorriso caloroso.

— Acho que a sorte vai ser nossa! — respondeu Maria, visivelmente entusiasmada.

Não queria deixar escapar aquela oportunidade para descobrir tudo o que pudesse do dia a dia de um escritor, pois sempre imaginara que a existência de tais espíritos criativos devia estar repleta de mistérios.

Talvez aprendesse algo interessante para o seu clube de leitura. Além disso, aquela era a melhor forma de acrescentar a profissão de escritor à sua lista de opções possíveis, eventualmente a par de detetive. E depois havia ainda a outra questão suspensa...

— Com que então um escritor, hã? — comentou, baixinho, olhando para André discretamente.

Laroui, entretanto, concentrara-se nos embaixadores e os jovens deixaram-se ficar um pouco para trás, caminhando junto ao motorista.

— E famoso!... — acrescentou o primo, apercebendo-se pelo canto do olho que o comentário lhe era dirigido. Depois adicionou: — Que aeroporto tão giro!

O aeroporto era, de facto, muito bonito e moderno, com grandes candelabros e motivos árabes na decoração das paredes, do teto e do chão. Mas era óbvio que o rapaz estava a mudar de assunto, por isso Maria decidiu esperar por um momento mais propício para voltar à carga. Certamente, nos próximos dias não lhe faltariam ocasiões, até porque poderia contar com a ajuda de Laroui. «Quem melhor do que um escritor para convencer o primo da magia dos livros?», pensou.

* * *

Sara e Hugo Torres despediram-se dos jovens depois de lhes fazerem as últimas recomendações e partiram para Rabat, onde chegariam com o motorista da embaixada duas horas e um quarto mais tarde.

Laroui conduziu os primos até ao parque de estacionamento e o grupo partiu depois em direção ao centro da cidade.

— Espero que gostem de Fez — disse, assim que entraram no carro. — Como poderão ver, é muito antiga, a mais antiga cidade imperial de Marrocos³, e está cheia de história.

³ As cidades imperiais de Marrocos foram as quatro cidades que se tornaram capitais em momentos diferentes da história do país: Fez, Marraquexe, Rabat (a atual capital) e Mequinez ou Meknes. (*N. da A.*)

— Segundo o *Guinness World Records*, Fez tem a mais antiga instituição educacional do mundo — declarou Ana, que lera a informação no guia turístico. — E foi fundada por uma mulher!

— Sim, é a Universidade Al-Qarawiyyin — comprovou o historiador. — Faz parte da mesquita, fundada em 859. Ainda hoje existe e nunca parou de funcionar, considerando-se um bastião em termos espirituais e de educação.

— Li também que contém uma das bibliotecas mais antigas! — acrescentou a rapariga, entusiasmada.

— Estou enganado ou deteto na tua voz uma paixão por livros? — perguntou o marroquino, com uma gargalhada, olhando para Ana pelo espelho retrovisor.

— Mais do que uma paixão por livros, eu diria que a Ana sonha todos os dias com bibliotecas — esclareceu o primo, respondendo por ela e fazendo-a corar.

— Não admira, as bibliotecas são lugares incríveis! — concordou o homem, para depois acrescentar num timbre enigmático: — Nelas podemos encontrar tesouros extraordinários...

A escolha do adjetivo pareceu interessar André, que se chegou para a frente no assento.

— *Tesouros?*... — repetiu, ansioso.

— Sim, tesouros — afirmou Ana. — Mas não do tipo que estás a imaginar. Estamos a falar de *livros*...

— Ah, OK... — disse André, perdendo o interesse e voltando a recostar-se no assento.

Desviou então o olhar para a larga avenida de seis faixas que agora percorriam, a estrada nacional n.º 8, dividida por palmeiras e ladeada por prédios de dois ou três andares, bastante espaçados e em grande parte inacabados.

— Tu, por outro lado, pareces muito menos interessado em livros do que a Ana — constatou Laroui, observando o rapaz, sentado a seu lado no banco da frente.

— Eu?... — balbuciou André, um pouco constrangido.

A última coisa que tinha vontade de fazer naquele momento era admitir a um escritor que os livros não andavam a impressioná-lo muito ultimamente.

— Que perspicácia! — elogiou Maria, voltando a intrometer-se e aproveitando a deixa. — Tem toda a razão, o André, há uns tempos, prefere os filmes aos livros...

André soprou pelo nariz e cerrou os dentes, arreliado.

— Talvez possa ajudá-lo a encontrar o livro perfeito... — sugeriu a rapariga, fitando o perfil do escritor.

— Não vais começar mais um debate sobre a *magia dos livros*, pois não, Maria? — troçou o rapaz, cruzando os braços e virando o pescoço para trás, na direção da prima.

— Pois fica sabendo que certos livros são autênticos tesouros... — comentou Laroui, com o mesmo tom misterioso de antes.

— Sim, eu sei, por serem antigos, raros e por isso muito valiosos — referiu André, sem se mostrar impressionado.

— Sim, mas não apenas por essas razões... — corrigiu o homem, interrompendo-se de propósito para aumentar o suspense.

Os três puseram-se à escuta, alerta. Passados alguns momentos, e vendo que o marroquino não tencionava esclarecê-los, André não resistiu a perguntar:

— Está a referir-se exatamente a quê?

— Ah, nada que te possa interessar — disse o outro, com delicadeza. — Normalmente estas coisas só fascinam as pessoas que gostam de ler.

– Como assim? – inquiriu Maria, chegando-se agora também para a frente.

– Bem... – começou por dizer o marroquino, escolhendo as suas palavras. – Certos livros contêm informações tão extraordinárias que acabam por valer muito mais do que tesouros constituídos por metais preciosos, joias ou diamantes.

– E que livros são esses? – quis saber André, duvidoso, enquanto procurava ele próprio uma resposta. – Ah, claro! Está a referir-se a livros como a Bíblia e o Corão.

– Ummm... Não, na verdade estou a falar de... um outro livro... – esclareceu ele, voltando a interromper-se.

Desta vez, porém, encrespou a fronte e mordeu o lábio, com ar apoquentado.

O gesto, primeiro abrupto e depois meditado, levou André a pensar que o homem acabara de se arrepender do que dissera. Cada vez mais curioso, resolveu averiguar.

– Um livro específico? – perguntou.

– S-sim... Um livro... específico – admitiu o historiador, hesitante.

– Mas de que livro se trata? – perguntou Maria, também ela curiosa.

– Sim, que livro é esse? – insistiu Ana.

Ahmed Laroui não proferiu palavra durante algum tempo até que encostou o carro à berma da estrada e desligou o motor. Manteve-se em silêncio, olhando com ar perdido para o horizonte durante uns instantes e depois respirou fundo. Então, voltou-se para o lado e depois para trás, fitando os jovens um a um, antes de explicar:

– O livro a que me refiro é um manuscrito fabuloso e muito antigo. Julgo que terá sido escrito à mão algures no século IX

e é de uma sabedoria incomparável, pois contém segredos incríveis...

– *Segredos?* – repetiram os três, ao mesmo tempo.

– Mas que segredos? – quis saber André, pasmado.

Novo momento de silêncio acompanhado de um visível desconforto do historiador. Os jovens mexeram-se nos assentos, vigilantes.

– Bem, alguns deles referem-se a ocorrências futuras, muitas das quais entretanto se revelaram verdadeiras, quando seria impossível prevê-las há mais de mil anos – referiu Laroui.

– Ah, então é uma espécie de livro de profecias, não é? – deduziu Ana.

– Bem, em parte... – admitiu ele, mas depois acrescentou: – A questão é que alguns segredos do livro se referem a acontecimentos que tiveram lugar *no passado*, mas que o autor não poderia de forma alguma conhecer naquela altura.

Os primos trocaram olhares, admirados. Parecia-lhes estranho que nunca tivessem ouvido falar em tal obra.

– Como se chama esse manuscrito? – perguntou Ana.

Ahmed Laroui premiu os lábios e baixou o olhar.

– Chama-se *O Livro dos Segredos* – acabou por revelar, sem os contemplar.

– Uau! Que grande título! – elogiou André. – E onde se encontra? Existem cópias? Podemos lê-lo?

Maria fitou-o de repente, admirada, e o primo encolheu os ombros, com um sorriso pateta.

– Sim, onde se encontra? – repetiu Ana.

O escritor voltou-se de novo para a frente e colocou as mãos no volante. Então, antes de voltar a ligar o motor, disse:

– Pois... Esse é que é o problema. Ninguém sabe.